

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira. Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

Vou comprar um cavalo e desandar

B

Eu devo confessar que não tive muito tempo para pensar neste encontro ou no que se iria passar aqui. Devo dizer que não preparei nada, mas acho que a proposta também não era essa. Mas agora quando vinha no carro pus-me a pensar sobre o facto de sermos os dois referências para as outras pessoas, ou mesmo modelos, de alguma maneira. E esta ideia, que de início me pareceu bastante estranha – pôr-nos aos dois aparentemente no mesmo plano -, levou-me a pensar que o que se calhar temos em comum, salvo obviamente as devidas proporções, é o facto de ambos sermos pessoas que se propuseram objectivos e metas para lá do comum e que os alcançaram. Ou seja, somos pessoas dispostas a correr riscos. Pessoas que percebem a necessidade de mudança, que não se contentam em fazer mais do mesmo. Que estão dispostos a dar saltos qualitativos e para quem a mudança faz parte da vida. Somos risk-takers por natureza.

(silêncio)

Eu tenho uma profunda admiração por si. Desde a primeira vez que ouvi falar em si que percebi que você era uma pessoa fora de vulgar, excepcional. E por isso mesmo é-me desconfortável esta situação em que estamos aqui os dois. Você é hoje reconhecidamente um herói, um exemplo para todos. Eu sou uma simples empresária, e se a minha acção influencia alguém é sempre num campo muito restrito. Você sim, é o herói, o modelo, a referência por excelência.

P

Eu não me sinto um herói. Mas se calhar aquilo a que todas as pessoas chamam herói é uma pessoa normal que, por uma razão ou outra, se encontrou numa situação excepcional e que perante ela tentou fazer o melhor que pôde. Eu sou uma pessoa normalíssima.

B

Não me diga que é uma pessoa normalíssima. Você foi de uma tenacidade, coragem física e resistência para lá de todos os limites. Eu nem consigo imaginar o sofrimento a que estive sujeito. Completamente isolado, preso naquele sítio horrível, em condições sub-humanas, calor, as ameaças... Como é que aguentou? O que é que sentiu... ali sozinho?

P

Eu acho que já se falou demasiado sobre tudo isto. As pessoas sabem o que aconteceu e acho que é completamente desnecessário entrar em pormenores que... não interessa. Não tem sentido.

B

Sim, mas tem consciência que é o facto de as pessoas reconhecerem o seu sofrimento que lhe dá o poder que tem agora?

P

Eu... poder?

B

Sim, o poder do exemplo, de ser uma referência, alguém que os outros seguem. Neste momento as pessoas são capazes de se atirar a um poço atrás de si. Você tem muito poder.

P

Pois... Não sei se é bem assim. Eu não chamaria a isso poder. Eu acho que as pessoas pensam pela sua cabeça. Poder é o que vocês têm. Pessoas como você, com dinheiro... que têm o poder económico.

B

Eu tenho muito claro para mim que a mais-valia material que nós formamos desde o dia do nascimento até ao dia da morte é um fatinho e um par de sapatos. Não tenho quaisquer ilusões a esse respeito, e a verdade é que nem tenho chance de gastar um décimo da minha fortuna. Não é verdade que eu seja uma mulher poderosa. Nem sei porque é que se diz isso. Ninguém pode dar um só exemplo de arrogância da minha parte. Uso o dinheiro com uma grande responsabilidade social. Sou uma grande

arrecadadora de IVA e sou, até pode parecer pretensão dizê-lo mas sou, uma cidadã exemplar. Não tenho nem nunca tive a pretensão de ser uma representante das outras pessoas. Aliás, nunca estive filiada em nenhum partido, nem nunca estive de forma alguma envolvida na vida política. Esse será porventura o seu futuro. A acreditar no que se tem dito... Tem lido os jornais, ultimamente?

P

Só por alto...

B

E não lê o que dizem de si? Tem consciência que o seu eventual futuro político tem sido assunto de todas as crónicas dos analistas políticos?

P

Sinceramente não me identifico com essas... com esse tipo de... Não é para mim uma opção. Nunca pus essa questão.

B

Mas esta é a questão do momento.

P

Para mim não é. O que eu fiz, fiz... porque sim. Não foi para... Eu não me identifico com esse mundo das políticas, dos compromissos, do poder, enfim...

B

Eu compreendo... Eu também sempre fui uma rebelde e há um certo tipo de jogos e conveniências com os quais não seria capaz de compactuar. Eu sou uma pessoa de acção, sou muito empreendedora e a minha filosofia é tirar o máximo do sistema capitalista, que é o que gera mais riqueza, que dá mais liberdade às pessoas e que mais dignifica a pessoa humana. E eu sempre tive muito respeito pelos que vivem mal. Eu sou, em suma, uma liberal com preocupações sociais.

P

(silêncio)

B

Se calhar é mais uma coisa que temos em comum. De formas diferentes, ambos tentamos ir ao encontro das necessidades das pessoas. Eu sou como... um feitor. Vivo com o rendimento do meu salário. Tudo o que as minhas empresas ganham é reinvestido de uma forma completamente transparente. Para mim o prazer está na riqueza activamente utilizada, a produzir trabalho, emprego, a fazer aumentar o nível de vida das pessoas. No fundo fazemos ambos a mesma coisa: tentamos suprir as necessidades dos outros.

P

Pois... Mas não é bem a mesma coisa. São coisas diferentes. O que eu vejo é que há necessidades mais básicas das pessoas que são esquecidas e que são as essenciais. Fala-se tanto em liberdade e há tantas pessoas que nem sabem o que isso significa, fala-se em ajudar os outros e há pessoas abandonadas por toda a gente, fala-se muito em justiça e...

B

Eu não podia concordar mais consigo. Nada me revolta mais que a incapacidade de certas pessoas, algumas até com grandes responsabilidades, de olhar à volta. E é por isso que defendo que a verdadeira resolução dos problemas passa por uma visão de conjunto que permita um desenvolvimento sustentado. Mais, salta à vista que hoje com a globalização, não é possível agir sem essa visão de conjunto. A verdade é que a globalização faz aumentar a riqueza de tal modo que os países pobres já podiam estar bastante melhor. E o desenvolvimento desse países é também do interesse dos países ricos que precisam deles como mercado e os deviam ajudar. Claro que há outros problemas: os países pobres não são solidários entre si, não ajudam, há imensa corrupção... e nem sequer sabem ser manhosos. *(pausa)* Por exemplo, a nossa área de influência estende-se hoje aos quatro cantos do mundo. Já operamos em três continentes e estamos a tomar medidas para chegar à Ásia, o grande continente do futuro...

P

Ásia?

B

Sim, a Ásia. Dentro de cinquenta anos a Ásia deve ter cerca de metade da população mundial. É um imenso mercado.

(silêncio. mal estar)

B

Eu sei que as pessoas ainda têm uma certa dificuldade em aderir a este tipo de discurso. Em perceber o que está realmente em causa. Se bem que mais tarde ou mais cedo, as pessoas acabarão por compreender. Aliás é inevitável. É claro que uma acção como a sua é mais imediata. Mais reconhecível. As pessoas identificam-se com ela. *(pausa)* Tem noção da gratidão que todos nós lhe temos?

P

Sim. Não sei. Para mim é difícil...

B

Agora que já passou tudo acha que valeu a pena? Já lhes conseguiu perdoar?

P

Se já lhes perdoei?... Eu nunca penso se valeu ou não valeu a pena. O que eu fiz foi o que eu pensava que estava certo, o que tinha sentido...

B

E nunca pensou em ceder? Mesmo com todas as pressões?

P

Não... não. Claro que houve momentos em que... foi muito difícil. Mas quando se acredita verdadeiramente não se pensa em desistir.

B

Isso é um discurso radical, não é? As suas posições são muito extremadas. Há quase uma arrogância nas suas palavras. Está muito certo do que é melhor para os outros. *(pausa)* É muito ténue a linha que separa o herói do tirano.

P

Não. Quer dizer... Arrogante como? Radical, sim... Se ser radical é defender até às últimas consequências aquilo que é importante e em que se acredita, sim. Mas...

B

Eu não estava a atacá-lo, antes pelo contrário. É essa sua força que eu admiro, essa capacidade de levar tudo à frente. Mas a verdade é que essa sua... irreverência lhe deve criar muitos inimigos. Falta-lhe uma certa sensatez. Devia aprender a moderar-se, a dialogar...

P

Isso faz-me lembrar a história do homem que não tinha inimigos.

B

Diga, diga.

P

Um homem inofensivo estava a passear quando foi atacado e espancado por um desconhecido armado com um cacete. Quando o desconhecido armado com um cacete foi levado a tribunal a vítima disse ao juiz: "Sr. Dr. Juiz não sei porque motivo fui agredido. Ainda mais porque não tenho inimigos." E o acusado disse: "Foi por isso mesmo que lhe bati."

O juiz ouviu isto e mandou pôr o réu em liberdade: "Um homem que não tem inimigos também não tem amigos, e o tribunal não foi feito para gente dessa laia."

(silêncio)

B

Está muito bem apanhada. Eu acho que os amigos são essenciais. Sem a sustentação que nos dá a amizade e a família nenhum de nós podia fazer aquilo que faz. Eu sempre que posso passo fins-de-semana com as minhas sobrinhas, saio com as minhas amigas, fazemos as jantaradas mais disparatadas... na última vez acabámos a atirar comida umas as outras.

P

(sorriso amarelo)

B

É claro que você a este nível também fez um grande sacrifício. Neste momento você é uma pessoa muito só, não é? Eu diria quase... triste.

P

(olhar enrascado)

B

O que não deixa de ser paradoxal. Tem tanta gente à sua volta, toda a gente o quer conhecer. Este é o seu momento. Toda a gente sabe quem você é. A sua cara está em todo o lado, todas as revistas fizeram reportagens sobre si, sei que está farto de receber convites... No outro dia até vi um anúncio a um detergente em que falavam de si. A sua vida mudou muito com esta atenção toda, não?

P

Eu nunca procurei esta atenção. Nem sei sinceramente lidar com isto. Limitei-me a fazer o melhor que podia e sabia naquela altura e acho que não tem sentido continuar a falar disso porque acredito que há muitas pessoas hoje que estão a tentar fazer o seu melhor. Algumas fazem coisas excepcionais.

B

Exactamente. Se você tem esta atenção toda é precisamente porque é excepcional. Eu pessoalmente só bato palmas ao que é excepcional. Fazer bem feito é a obrigação de qualquer um.

P

Pois, mas... Tudo isto me incomoda porque eu sei que há pessoas verdadeiramente excepcionais a quem ninguém liga nenhuma, que ninguém conhece. São essas pessoas que deviam estar agora a ter atenção. Eu conheço um homem que nasceu numa aldeia perdida no meio do deserto, depois foi para fora, fez a sua vida, e anos mais tarde voltou para tentar salvar a aldeia. E sabe porquê? Porque há uma duna gigante que está a avançar na direcção da aldeia e que a vai devorar. Vai desaparecer tudo, é como se nunca tivesse existido. E ele está lá a tentar sozinho parar aquela duna. A plantar palmeiras que segurem as areias. Ou seja, pessoas que diariamente...

B

Onde?

P

Como?

B

Onde é que disse que fica essa aldeia?

P

No norte de África. Mas quem diz este...

B

E como é que se chama?

P

O Homem?...

B

Não, a aldeia. Mas o Homem também. *(estende-lhe papel e caneta)* Escreva aí o nome das duas coisas.

P

(pega no papel e caneta)

B

Escreva, escreva...

P

(escreve)

B

(tira-lhe o papel) Eu trato disto. Este homem vai ser ajudado, Já a partir de amanhã. Nós vamos tratar disto. Nós já temos muitos meios no norte de África. Pomos lá as palmeiras que forem precisas num instante. Aliás, o deserto tem imensas potencialidades de

investimento que muitas vezes são descuradas. E quem diz palmeiras diz tamareiras, não é?... Ou outras árvores de fruto que se possam organizar em pomares. Isso depois vê-se no terreno. O que interessa é resolver o problema, não é? Parar a duna! E de uma coisa pode ter a certeza: o seu nome vai ficar para sempre ligado a isto.